

# Os dramas históricos de Mendes Leal nos palcos do Rio de Janeiro: notas sobre as encenações e a recepção crítica

Bruna G. Silva Rondinelli

Unicamp

## Resumo

Tendo em vista a importante presença do repertório dramático do português José da Silva Mendes Leal (1818-1886) no teatro romântico brasileiro, este artigo tem por objetivo apresentar as encenações e a recepção crítica de suas peças nos palcos do Rio de Janeiro, entre as décadas de 1840 e 1850, reconstituídas por meio de informações recolhidas em fontes primárias, a saber: anúncios de espetáculos, críticas teatrais e comunicados de espectadores publicados pela imprensa fluminense.

**Palavras-chave:** história teatral; drama histórico; *Os dois renegados*.

## Abstract

Considering the significant presence of the Portuguese José da Silva Mendes Leal's (1818-1886) dramatic repertory in the Brazilian romantic theater, this article proposes to reconstitute the performances and the critical reception of his plays in Rio de Janeiro stages, during 1840 and 1850 decades, based on the analysis of primary sources such as presentation's advertisements, theater critics and spectator's letters published by the Fluminense press.

**Keywords:** theater history; historical drama; *The Two Renegades*.

O português José da Silva Mendes Leal foi um exemplar homem de letras do século XIX: ele atuou como jornalista, diplomata, político, poeta, romancista, dramaturgo e tradutor. Dentre as suas diferentes facetas, será privilegiado o seu papel como dramaturgo. Em um primeiro momento, apresenta-se a produção de seus dramas históricos durante a década de 1840. Em seguida, será esboçado um panorama das encenações dessas peças nos teatros do Rio de Janeiro, entre os anos de 1840 e 1859. Por fim, discute-se a recepção crítica de *Os dois renegados*, o drama histórico de Mendes Leal mais encenado na Corte brasileira.

## Os dramas históricos de Mendes Leal

No final da década de 1830, os homens de letras portugueses, encabeçados por João Baptista Almeida Garrett, buscavam a formação de um repertório dramático nacional que almejasse, além do divertimento, a educação da plateia. Para impulsionar a nova produção dramática, foi criado, em 1836, o Conservatório Nacional de Arte

Dramática, assim como um concurso que julgaria e premiaria as melhores peças de temática nacional. O gênero escolhido pelos dramaturgos que pretendiam renovar a cena teatral portuguesa foi o drama histórico, e os temas, garimpados na história lusitana.

Entre as décadas de 1830 e 1840, o drama histórico esteve em voga nos teatros das principais capitais europeias, principalmente em Paris, cujos palcos exibiam as peças históricas de Alexandre Dumas, Victor Hugo e dramaturgos do bulevar popular, cunhados pejorativamente pela historiografia literária de *petits romantiques*, como Auguste Anicet-Bourgeois e Adolphe Dennery.

Como defende Anne-Marie Thiesse (1999), a proposta de construção de um teatro nacional, tendo como modelo o drama histórico, inseria-se no processo de formação do sentimento identitário que se difundia na Europa desde o final do século XVIII. Portugal se introduzia, então, nesse processo.

Em meio a esse contexto teatral, e objetivando contribuir para o nascimento do teatro nacional português, Mendes Leal compôs dramas históricos entre o final da década de 1830 e os primeiros anos de 1840. Em 1839, estreou no Teatro da Rua dos Condes, em Lisboa, o seu primeiro drama: *Os dois renegados*. A peça foi agraciada com o prêmio do Júri do Conservatório Nacional. No ano seguinte, subiu à cena *O homem da máscara negra*; em 1843, foram estreados *D. Maria de Alencastre* e *O pajem de Aljubarrota*; e em 1845, *A pobre das ruínas*.

O teatro histórico de Mendes Leal pode ser vinculado à tradição dos melodramas, uma vez que apresenta os recursos dramáticos essenciais desse gênero francês. Segundo Luiz Francisco Rebello (1980), as primeiras peças do dramaturgo português destilam efeitos melodramáticos e folhetinescos.

Ele próprio, nos anos seguintes, alentado pelo êxito obtido na sua estreia, reincidiu com *O Homem da Máscara Negra*, *D. Maria de Alencastre*, *O Pajem de Aljubarrota* e *A Pobre das Ruínas* [...]. O pendor melodramático e folhetinesco de sua primeira produção exacerba-se nestas, manifestando-se desde os subtítulos apostos aos vários atos (por exemplo, “A Voz do Túmulo” e “Quem pode Salvá-la?” no primeiro dos dramas citados, “Tormenta e Tormentos” e “O Batismo do Sangue”, no último) à intervenção de personagens enigmáticas (designadas por “O Incógnito”, “O Desconhecido”, “O Embuçado”...) cuja verdadeira identidade é revelada em momentos culminantes da ação, e que geralmente – o que corresponde a um dos tópicos mais frequentes da literatura gótica – se supunham defuntas. (REBELLO, 1980, p. 56-57).

Ademais, os enredos das peças de Mendes Leal, que se constituem por um tema histórico, cuja função didática e patriótica é bem marcada, e um tema amoroso, tratado de forma sentimental, estruturam-se a partir de uma visão maniqueísta do mundo, da divisão das personagens entre boas e más, de reviravoltas na ação e da justiça final que condena o vício e premia a virtude.

Tal é o caso de *Os dois renegados*, drama histórico de Mendes Leal de maior repercussão nos palcos brasileiros entre as décadas de 1840 e 1850. A ação da peça se situa em 1498 e traz dois temas principais: o primeiro amoroso, que trata de casamentos entre cristãos e judeus, e o segundo histórico, que aborda a perseguição aos judeus em Portugal. A estética adotada por Mendes Leal fica clara no prefácio da primeira edição da peça, no qual o dramaturgo afirmou que as ideias de Victor Hugo, as cenas criadas por Alexandre Dumas e o sublime de Casimir Delavigne foram as fontes de sua inspiração.

As ideias profundas e arrebatadas de Victor Hugo; as ricas e formosas cenas de Dumas; as magnificências e sublimidades de Casimir Delavigne, produziram-me n'alma um sentimento indefinível, um desejo indistinto, que mesmo se quisesse eu não pudera explicá-lo. Houve por muito tempo em mim um pensamento vago e inaplicado, foi pouco a pouco tomando corpo, vestiu as formas da realidade e deste pensamento nascido, apareceu por fim o drama *Os dois renegados*! (MENDES LEAL, 1839, p. VI).

### **Os dramas históricos de Mendes Leal nos palcos do Rio de Janeiro**

A primeira peça de Mendes Leal a desembarcar no Rio de Janeiro foi *Os dois renegados*. Em setembro de 1840, a primeira edição, impressa em Lisboa em julho de 1839, era anunciada pela livraria dos irmãos Laemmert em diversos periódicos fluminenses. Os anúncios informavam que se tratava de um elegante volume, ornado com o retrato do autor e uma ilustração da última cena do drama (ver Figura 1). Após a descrição do volume, os anúncios traziam trechos de críticas veiculadas pelos periódicos lisboetas *O Director* e *Nacional* na ocasião da estreia do drama em Portugal. Os artigos, de tom elogioso, conferiam valor à obra, bem recebida em sua terra natal. A inserção de críticas positivas nos anúncios de venda da edição revela uma estratégia comercial dos livreiros do Rio de Janeiro, que fizeram uso das avaliações dos portugueses para conferir distinção ao volume que vendiam.

Extratamos do *Director*, periódico de Lisboa, a seguinte análise da presente produção:

Este ótimo drama subiu à cena na terça-feira passada, 9 do corrente julho. Havíamos previsto bom resultado da sua representação; hoje, porém, que o drama já foi representado, hoje que sabemos, pelo havermos presenciado, que não falhou nosso juízo; e como fomos testemunhas do entusiasmo, e da avidez com que os espectadores assistiram à sua representação, que nem ao menos consentiam o menor movimento, que os pudesse distrair, não podemos deixar de tributar os louvores bem merecidos ao seu jovem autor! [...] (Anúncio, *Correio das Modas*, n. 28, p. 224, 4 out. 1840).

Os periódicos de Lisboa confirmaram os imensos aplausos prodigalizados pelo público a cada representação de *Os dois renegados*, nos lisonjeiros termos seguintes:

Seria difícil descrever o entusiasmo com que o numeroso concurso de espectadores acolheu ontem este drama, primeira produção de um português, que abre a sua carreira literária com passo tão agigantado. [...] Da peça diremos que é fértil em pensamentos sublimes, com todo o gosto aplicados às situações mais difíceis e dramáticas que encerra, e que todas elas estão combinadas com tanta habilidade, que suspendem o espectador e o ligam com o maior interesse até o desfecho do drama, dando origem a um enredo muito complicado e igualmente bem conduzido, sem as incoerências que abundam em muitos dramas. [...] Do *Nacional* de 11 de julho. (Anúncios, *O Despertador*, n. 812, p. 34, nov. 1840).

*Os dois renegados* recebeu a primeira montagem no Rio de Janeiro em 2 de dezembro de 1840. O drama estreou em uma récita especial, no principal teatro da cidade, o Teatro de São Pedro de Alcântara,<sup>1</sup> em homenagem ao aniversário de D. Pedro II, convidado de honra do espetáculo. Em 1845, no mesmo teatro, estreou *O homem da máscara negra*; e em 1848, receberam montagens *D. Maria de Alencastre* e *A pobre das ruínas*.

Na década de 1840, o ator e empresário teatral João Caetano dos Santos foi decisivo na introdução do repertório de dramas históricos de Mendes Leal nos palcos do Rio de Janeiro. Como apontou Décio de Almeida Prado (1972, p. 47), o ator foi responsável pelas montagens de *Os dois renegados*, *O homem da máscara negra* e *D. Maria de Alencastre*, peças nas quais desempenhou os heróis. João Caetano, conhecedor do gosto do público fluminense pelos dramas históricos entremeados de recursos do melodrama romântico, não hesitou em escolher uma peça de Mendes Leal,

---

<sup>1</sup> Em 1813, o Real Teatro de São João foi o primeiro teatro de grandes dimensões a ser construído no Rio de Janeiro. Com o retorno de D. Pedro I a Portugal, o teatro passou a ser designado Teatro Constitucional Fluminense, denominação que perdurou até 1838, quando, definitivamente, passou a ser nomeado Teatro de São Pedro de Alcântara. Após sofrer três incêndios (1824, 1851 e 1856) e passar por três reconstruções ao longo do século XIX, a sala de espetáculos foi demolida em 1929. Em seu lugar foi construído o Teatro João Caetano que, atualmente, é de propriedade da Fundação de Artes do Rio de Janeiro (Funarj) (cf. DIAS, 2012, p. 68-100).

neste caso o drama *D. Maria de Alencastre*, para o espetáculo especial, a 4 de novembro de 1848, em comemoração à reabertura do Teatro de São Januário,<sup>2</sup> que passara por reformas naquele ano. Segundo uma nota elogiosa, publicada pelo periódico conservador *Correio da Tarde* dois dias após a estreia, João Caetano brilhara no palco, ao passo que a montagem, com suas cenas e figurinos, guardara o estilo da época em que se passavam as ações do enredo, representando adequadamente o “caráter e valor nacional português” (Restauração do Teatro S. Januário, *Correio da Tarde*, n. 244, p. 36, nov. 1848).

Já na década de 1850, a partir de levantamento realizado em anúncios de espetáculos publicados pela imprensa do Rio de Janeiro, nota-se um considerável aumento na quantidade de encenações dos dramas históricos de Mendes Leal (ver Figura 2). As peças do dramaturgo português foram resgatadas graças ao ator e empresário teatral Germano Francisco de Oliveira que, em agosto de 1858, passou a dirigir uma companhia dramática no Teatro de São Januário. Nesse teatro, os dramas de Mendes Leal foram representados, principalmente, em espetáculos vespertinos. O público dessas récitas era constituído notadamente por caixeiros de origem portuguesa, os quais embarcavam para o Brasil a convite de familiares e compatriotas para trabalharem em seus estabelecimentos comerciais na cidade (MARZANO, 2008, p. 43). Com frequência, os caixeiros enviavam correspondências aos periódicos pedindo que dramas históricos fossem encenados. Dentre a lista de títulos solicitados pela classe caixeiral, estavam *Os dois renegados*, *O homem da máscara negra* e *D. Maria de Alencastre*.

Teatro de S. Januário

Pede-se ao ilustre empresário deste teatro, o Ilmo. Sr. Germano Francisco de Oliveira, de levar à cena, no domingo próximo, à tarde, o drama original português, em 3 atos, *D. Maria de Alencastre*, que lhe asseveramos uma boa enchente. Esperamos ser atendidos.

A classe caixeiral. (Teatro de S. Januário, *Correio Mercantil*, n. 278, p. 2, 13 out. 1858)

<sup>2</sup> Denominado Teatro da Praia de D. Manuel quando foi construído, em 1834, o Teatro de São Januário veio a ser assim renomeado, em 1838, em homenagem à Princesa D. Januária Maria de Bragança, irmã de D. Pedro II. Entre 1848 e 1850, a companhia dramática de João Caetano ali se apresentou. Em 1862, a sala de espetáculos foi renomeada Teatro Ateneu Dramático, voltando a se denominar São Januário em 1863. O teatro foi demolido em 1868 para a construção da Secretaria de Viação (cf. DIAS, 2012, p. 104-106).

### **A recepção crítica de *Os dois renegados* no Rio de Janeiro**

Dos dramas históricos de Mendes Leal, *Os dois renegados* foi o mais encenado e o de maior repercussão no Rio de Janeiro. Após a estreia, ocorrida em 2 de dezembro de 1840, montagem que teve João Caetano no papel do herói Samuel, a peça recebeu uma reprise em 24 de janeiro de 1841. Porém, dessa vez, a representação do drama de Mendes Leal não foi marcada pela pompa monárquica, mas sim por uma grande vaiada do público. A plateia, no entanto, não era contrária ao drama *Os dois renegados*. O que provavelmente motivou a sua manifestação foram as disputas de bastidores entre o diretor do teatro, Luiz Manuel Alvares de Azevedo, e João Caetano.

O mal-estar entre ambos começou em dezembro de 1840, quando L. M. Alvares de Azevedo foi escolhido diretor do Teatro de São Pedro de Alcântara pelos acionistas do teatro, o que desagradou João Caetano, que almejava o posto. Os desentendimentos entre o novo diretor e o ator levaram à demissão de João Caetano. Para a representação de 24 de janeiro de 1841, o teatro anunciara para o papel de Samuel o ator Germano Francisco. Jornalistas do periódico *Coruja Theatral* e simpatizantes de João Caetano organizaram uma pateada, que seria iniciada assim que o ator substituto pisasse o palco no dia do espetáculo. Resultado final: as agitações no teatro foram tão intensas que o chefe de polícia interrompeu a representação e solicitou que se desse por encerrado o espetáculo, mesmo tendo sido representadas apenas as seis primeiras cenas do Ato I de *Os dois renegados*. A crônica “A trovoadas teatral”, assinada por P. e publicada pelo *Diário do Rio de Janeiro* a 3 de fevereiro de 1841, narrou os acontecimentos daquela noite:

[...] subiu o pano, apareceu o velho Simeão lendo a bíblia, e o espetáculo continuou tranquilo até o momento em que Samuel cheio de amor por Isabel vinha confiar a Lope da Silva, seu cunhado, o segredo que mais o deleitava. Bate à porta, entra, e apenas Esther sua irmã lhe dirige as fatais palavras – Tarde vens Samuel, rebentou a estrepitosa trovoadas – *Fora o ator Germano! Venha o ator João Caetano que está em casa pronto para representar!* Foram os altos gritos ouvidos por espaço de meia hora no meio da mais violenta pateada. [...] a pateada continua cada vez mais viva, os foras se reproduzem e as moedas de 40 rs. chovem em abundância sobre o tablado onde se achavam mudos e quedos os infelizes e inculpados atores. [...] o alarido continuou, a desordem progrediu. Ordenaram então as autoridades que descesse o pano e se desse por findo o espetáculo [...]. Frustrados assim os seus mais caros desejos, que eram de fazer vir à cena o Talma do Rocio, os admiradores deste gênio entenderam dever vingar-se por qualquer modo: pagou então o pobre lustre as custas, quebrando-lhe uns poucos vidros; as cadeiras sofreram também estrago; e a geral não foi esquecida. Os candeeiros dos corredores igualmente mereceram a pública atenção, e um camaroteiro

levou meia dúzia de caçoletas para ficar-lhe o dia impresso na memória. (P. A trovoada teatral, *Diário do Rio de Janeiro*, n. 25, p. 1, 3 fev. 1841)

Fora da companhia dramática do Teatro de São Pedro de Alcântara, João Caetano se instalou no Teatro de São Francisco. Em 2 de maio de 1841, o espetáculo de inauguração do teatro exibiu *Os dois renegados*, peça que causara a grande pateada meses antes. Os figurinos e os cenários eram novos, feitos especialmente para a montagem. João Caetano retomava o papel de Samuel e dividia o palco com sua esposa, a atriz Estela Sezefreda, que desempenhava o papel de Isabel, seu par romântico.

A abertura do teatro e a representação de *Os dois renegados* foram analisadas por críticos de diversos periódicos do Rio de Janeiro. O folhetinista teatral de *O Brasil* reservou metade de seu artigo para expressar os mais elevados elogios ao ator João Caetano, que começava uma nova empreitada no Teatro de São Francisco. O crítico explicitou sua posição favorável ao artista desde o início do folhetim, ao apresentar João Caetano nos seguintes termos: “Eis na liça um novo contendor, robusto, ágil, cheio de esperança e de futuro!” (Teatro de S. Francisco. *Os dois renegados*, *O Brasil*, n. 124, p. 14 maio 1841).

O espetáculo atraiu também a atenção dos espectadores, que publicaram suas impressões nas seções de correspondências e comunicados da imprensa diária. Os textos, de modo geral elogiosos, destacaram a riqueza dos figurinos e do cenário, análogos ao tempo em que se passava o enredo, e destacaram o desempenho de João Caetano, cuja atuação seria verdadeiramente artística, como pode ser ilustrado pela correspondência assinada por Um Imparcial:

Domingo, 2 do corrente, abriu-se o Teatro de S. Francisco, debaixo dos mais felizes auspícios, com o drama *Os Dois Renegados*. A vista dos bem dispostos camarotes, em que se apinhava o mais luzido concurso; o brilho das luzes, as decorações da sala, em que pleiteiam o bom gosto e uma nobre simplicidade; a satisfação que transverberava nos semblantes, tudo porfiadamente concorria para dar ao novo teatro o mais encantador aspecto. [...] Quanto à execução, não receamos afirmar que ela excedeu toda a expectativa. Poucas ou nenhuma peça se tem aqui representado com tanta harmonia, arte e calor. [...] Os que viram João Caetano fazer o papel de Samuel no Teatro de S. Pedro, asseguram que não era possível reconhecê-lo. Quanto a nós, nunca o vimos representar com tanta natureza, sensibilidade e energia. (UM IMPARCIAL. Teatro de S. Francisco, *O Despertador*, n. 982, p. 2, 5 maio 1841).

### Considerações finais

Tendo em vista o grande número de exibições e a permanência dos dramas históricos de Mendes Leal nos palcos do Rio de Janeiro, pode-se concluir que essas peças integravam o gosto dos espectadores teatrais da época por dois motivos principais. Primeiro, ao se estruturarem a partir de elementos do melodrama, veiculavam um ensinamento moral que punia os vícios e premiava as virtudes. Os espectadores fluminenses estavam familiarizados com essa estrutura teatral, já que os melodramas franceses estavam muito presentes nos programas dos espetáculos oferecidos pelos teatros da cidade. Segundo, os temas eram retirados da história portuguesa, o que atraía aos teatros os portugueses que habitavam a capital do Império brasileiro, principalmente a classe profissional de caixeiros.

Por fim, tomando como estudo de caso os dramas históricos de Mendes Leal, percebe-se que, no momento em que os dramas realistas estavam em voga no Teatro Ginásio Dramático, no Rio de Janeiro, ainda havia público para os dramas do período romântico, o que permite observar, não uma ruptura nos palcos, mas uma coexistência entre os movimentos teatrais durante os anos finais da década de 1850.

### Referências

- DIAS, José da Silva. *Teatros do Rio: do século XVIII ao século XX*. Rio de Janeiro: Funarte, 2012.
- MARZANO, Andrea. *Cidade em cena: o ator Vasques, o teatro e o Rio de Janeiro (1839-1892)*. Rio de Janeiro: Folha Seca: Faperj, 2008.
- MENDES LEAL, José da Silva. *Os dois renegados*. Lisboa: Tipografia da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis, 1839.
- PRADO, Décio de Almeida. *João Caetano: o ator, o empresário, o repertório*. São Paulo: Perspectiva: Edusp, 1972.
- REBELLO, Luiz Francisco. *O teatro romântico (1838-1869)*. Lisboa: Bertrand, 1980.
- THIESSE, Anne-Marie. *La Création des identités nationales*. Paris : Seuil, 1999.

### Fontes

- ANÚNCIO, *Correio das Modas, Jornal Crítico e Literário das Modas, Bailes, Teatros etc.*, Rio de Janeiro, v. II, n. 28, p. 224, 4 out. 1840.
- ANÚNCIOS, *O despertador*, Rio de Janeiro, n. 812, p. 3, 4 nov. 1840.
- P. A trovoadá teatral, *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, v. ???, n. 25, p. 1, 3 fev. 1841.
- RESTAURAÇÃO do Teatro S. Januário, *Correio da Tarde*, Rio de Janeiro, n. 244, 6 nov. 1848.
- TEATRO de S. Francisco, *Os dois renegados, O Brasil*, Rio de Janeiro, v. I, n. 124, p. 1, 4 maio 1841.
- TEATRO de S. Januário, *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, n. 278, p. 2, 13 out. 1858.
- UM IMPARCIAL. Teatro de S. Francisco, *O Despertador*, n. 982, p. 2, 5 maio 1841.

**Minicurrículo**

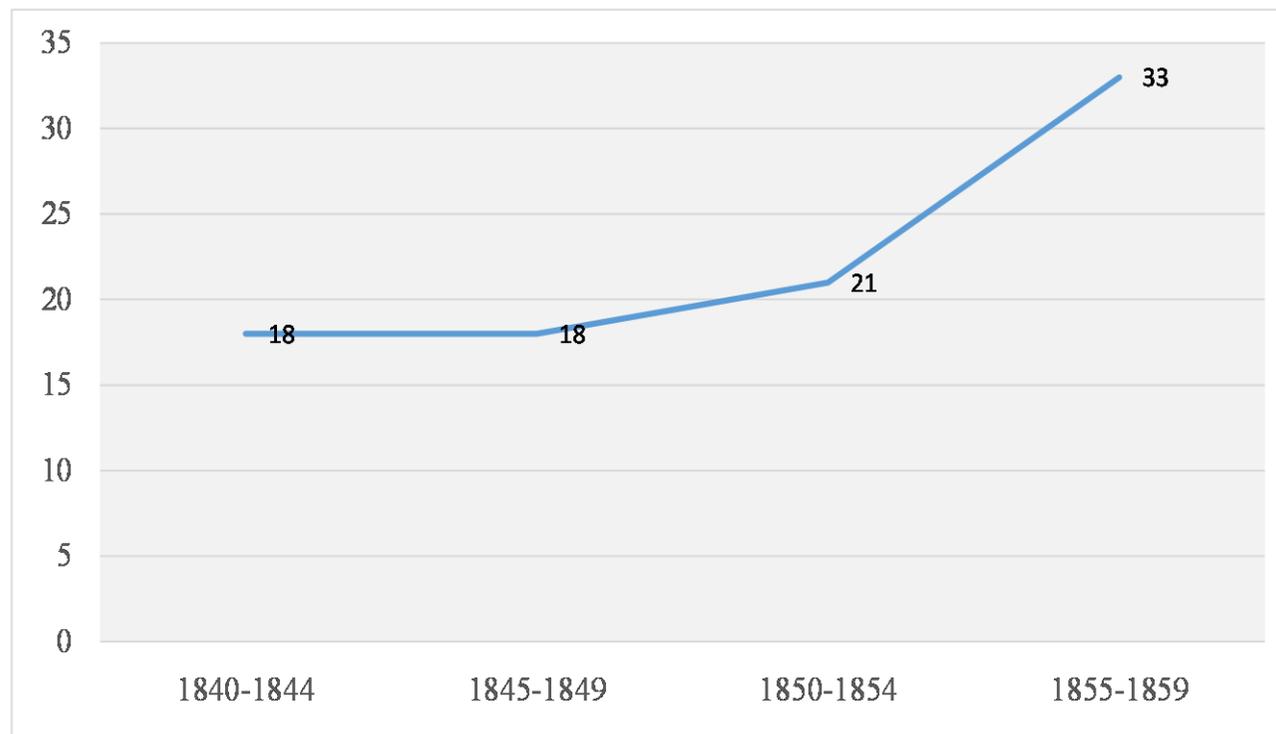
Bruna G. Silva Rondinelli doutoranda na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), sob orientação da profa. dra. Orna Messer Levin. Bolsista da Fapesp. Estudante participante do projeto de cooperação internacional “A Circulação Transatlântica dos Impressos: a globalização da cultura no século XIX” (Fapesp), coordenado pela profa. dra. Márcia Abreu e pelo prof. dr. Jean-Yves Mollier.

Os dramas históricos de Mendes Leal nos palcos do Rio de Janeiro: notas sobre as encenações e a recepção crítica

## Anexos



Figura 1. Ilustração impressa na primeira edição de *Os dois renegados* (MENDES LEAL, 1839).



\*

Figura 2. *Permanência dos dramas históricos* de Mendes Leal nos Palcos do Rio de Janeiro (em quantidade de indícios de encenações). Levantamento realizado em anúncios de espetáculos publicados pelos periódicos *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, (1848-1859) e *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, (1840-1858).